

Passados que são pouco mais de dois meses sobre a edição de um número especial de *Páginas a&b*, com os textos resultantes do VI *Workshop* de Pós-graduação em Ciência da Informação, organizado pelo GT de Ciência da Informação da SOPCOM (Sociedade Portuguesa de Ciências da Comunicação), é com grato prazer que colocamos à disposição dos leitores o número “regular” da revista, correspondente ao primeiro semestre de 2020.

Tanto o anterior como este número são volumes extensos, com uma quantidade de textos superior ao habitual, o que nos apraz registar como sinal inequívoco da produção científica na área da Ciência da Informação, maioritariamente em ambiente académico. Assinale-se que este aumento de artigos corresponde a igual incremento de submissão de textos para avaliação, o que naturalmente implica uma mais apertada seleção daqueles que são publicados, sendo a taxa de aceitação pouco superior a 50%. É devido aqui um agradecimento aos membros do Conselho Científico, a quem cabe a árdua tarefa de avaliar os textos, cumprindo os prazos curtos que lhes são dados para procederem à leitura e análise dos artigos.

O número que agora se publica é composto por dezasseis trabalhos, de temáticas diversificadas, pertinentes e atuais, como é timbre de *Páginas a&b*. Mais uma vez se regista uma preponderância de artigos provenientes do Brasil, em detrimento dos de autores nacionais, o que evidencia a (natural) desproporção de submissões entre Portugal e Brasil, que a revista recebe, particularmente desde que passou a ser editada em formato eletrónico. Reitera-se, pois, o desafio múltiplas vezes lançado aos autores portugueses, para que submetam os seus trabalhos a *Páginas a&b*.

As questões éticas são, porventura, nos tempos atuais, aquelas que devem estar nas preocupações de primeira ordem de investigadores, docentes e profissionais da informação. Diferentes perspetivas e dilemas éticos são-nos trazidos por Evangelista, Silva e Guimarães, no que toca aos códigos de conduta, por Ochôa e Pinto, no que respeita à memória e por Silva Júnior e Schneider, na relação com os estudos étnico-raciais.

Numa abordagem que não se afasta muito das questões éticas, Rossi e Valentim tratam da inflo-exclusão no Brasil e da importância dos serviços para a cidadania, num mundo globalizado.

Os textos de índole mais teórica ou que contribuem para o conhecimento do percurso histórico e epistemológico da nossa área científica têm sempre um lugar reservado em *Páginas a&b*. É o caso do artigo de Macedo e Lima, que nos conduz numa viagem pela

---

formação em Arquivologia no Brasil, desde que surgiram os primeiros cursos de nível universitário.

O acesso aberto, os repositórios, os portais e as plataformas colaborativas em redes digitais, as preocupações com a satisfação dos utilizadores de bases de dados e o impacto que as publicações registam, são temas que percorrem os textos que se seguem. Santos e Flores debruçam-se sobre as questões normativas na construção de repositórios arquivísticos digitais; Miguéis relata o trabalho do GT de Divulgação do RCAAP em prol da ciência aberta; Santa Anna trata dos portais de periódicos das universidades de Minas Gerais; Felipe, Medeiros e Pinho discutem o registo de imagens na plataforma Flickr e o contributo dos utilizadores para o tratamento das mesmas; Salcedo e Bezerra problematizam sobre a *findability* em ambientes digitais; Costa e Miguel focam-se na satisfação dos utilizadores, usando para o efeito a base de dados BRAPCI; Almeida e Grácio analisam o ‘fator de impacto’ como elemento a considerar na hora de publicar um artigo.

Seguidamente, temos dois textos sobre bibliotecas escolares, um campo de atuação profissional poucas vezes objeto de análise e de discussão. O trabalho de Camillo e Silva aborda um tema muito original – as atividades de fãs e *fandoms* na biblioteca escolar, alinhadas com as diretrizes da IFLA para este tipo de bibliotecas; por outro lado, Medina González dá-nos uma visão retro-prospetiva das bibliotecas escolares em Cuba, desde 1900 até 2010.

Ainda as bibliotecas, num estudo de Dumer, Pinho Neto e Albuquerque, desta feita para se equacionar a função educativa que as mesmas e os bibliotecários devem desempenhar na sociedade contemporânea. E, por último, novamente as competências profissionais, em matéria de liderança, são objeto de discussão no texto de Lion e Duarte, tendo como campo de estudo o Arquivo Público do Estado da Bahia.

A fechar, em jeito de singela homenagem, a lembrança saudosa da bibliotecária Maria Teresa Pinto Mendes, que nos deixou no início deste ano. É justíssimo evocar a sua memória, já que tanto deu à Biblioteconomia portuguesa, não só como profissional, mas sobretudo como formadora de várias gerações de técnicos, primeiro no velho Curso de Bibliotecário-Arquivista e depois no renovado Curso de Especialização em Ciências Documentais.

Em tempo de férias, mas também em estranho tempo de insegurança e vulnerabilidade, desejo a todos muita saúde e espero que o recato que se nos exige seja, de forma gratificante, acompanhado da leitura de *Páginas a&b*.

**Fernanda Ribeiro**